UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Elias Sampaio Rodrigues

UMA PERSPECTIVA ARTÍSTICA E HISTÓRICO-CULTURAL DO PATRIMÔNIO MODERNISTA DE CATAGUASES - MG

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dra. Patrícia Ferreira Moreno Christofoletti.

Juiz de Fora
2017

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **ELIAS SAMPAIO RODRIGUES**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201572147A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **UMA PERSPECTIVA ARTÍSTICA E HISTÓRICO-CULTURAL DO PATRIMÔNIO MODERNISTA DE CATAGUASES - MG**, desenvolvido durante o período de 22/03/2017 a 30/06/2017 sob a orientação de Prof. Dra. **PATRÍCIA FERREIRA MORENO CHRISTOFOLETTI**, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção cientifica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

_____

ELIAS SAMPAIO RODRIGUES

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

UMA PERSPECTIVA ARTÍSTICA E HISTÓRICO-CULTURAL DO PATRIMÔNIO MODERNISTA DE CATAGUASES - MG

Elias Sampaio Rodrigues[1]

RESUMO: O presente trabalho realiza uma revisão bibliográfica e uma análise referente ao patrimônio modernista de Cataguases, Minas Gerais. O texto propõe examinar a estética de produção das obras existentes na cidade; leva em consideração os conceitos de modernidade, os aspectos do modernismo e como esses aspectos se enquadraram na idealização de uma cidade moderna e urbanizada. O artigo ressalta aspectos da cultura e da região ao enfatizar os movimentos culturais ocorridos no começo do século XX, além de evidenciar a participação de Cataguases na concepção do modernismo brasileiro.
PALAVRAS-CHAVE: Cataguases, Modernismo, Arquitetura, Patrimônio.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo introduzir discussões acerca do modernismo em Cataguases - MG e propor estudos específicos futuros, limita-se então, ao breve levantamento das obras e ao recolhimentos de dados gerais para a composição do mesmo.

Para melhor compreensão do tema, o texto é dividido em uma análise geral dos conceitos e propostas advindas da modernidade e, em seguida, ressalta a história da cidade e seus acontecimentos.

O artigo apresenta uma síntese do desenvolvimento e modernização de Cataguases e sua importância na disseminação de uma cultura de caráter nacionalista e moderna.

A pesquisa leva em consideração os feitos literários e a formação do Grupo Verde (importante manifestação que expressava a regionalidade através de seus escritos e destacava a transição campo/cidade que ocorria em várias regiões do país naquele momento); ressalta a experimentação e participação do cineasta Humberto Mauro na "criação" do cinema moderno brasileiro e, por fim, reúne uma série de obras arquitetônicas – maior indício da contribuição das ideias modernistas para com a cidade – mas devido a limitação desta produção, um pequeno número das construções será posto em evidência ao ressaltar a estética de sua produção.

Como dito anteriormente, a arquitetura moderna foi a maior produção da cidade. Os edifícios públicos foram concebidos na ideia de renovação urbana, as construções residências seguiram influenciadas por este mesmo parâmetro, mas também para ressaltar o poder financeiro que a elite possuía sobre a cidade. Devido a estes fatos, manifestou-se o interesse em focar nas construções, tendo-as como o principal objeto de estudo deste trabalho.

Para a concepção desta artigo foi realizada uma pesquisa bibliográfica, de modo que baseou-se em analisar produções textuais de jornais, artigos e teses, capítulos de livros e um catálogo de produção cataguasense que expõe as obras na tentativa de rememorar a narrativa modernista da cidade.

CAPÍTULO 1. O ADVENTO DA MODERNIDADE E SUA SIGNIFICÂNCIA SOCIAL NOS SÉCULOS XIX E XX.

1.1. A MODERNIZAÇÃO DA SOCIEDADE.

Não se pode descrever a modernidade sem se referir primeiramente à Revolução Industrial (séculos XVIII e XIX); as grandes mudanças relacionadas ao cotidiano da sociedade e a modernização mecanicista e social.

---

[1] Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Prof. Dra. Patrícia Ferreira Moreno Christofoletti.

A Revolução Industrial teve como principal característica a substituição do trabalho artesanal pelo assalariado, além de introduzir o maquinário à indústria – como veículo auxiliar na produção em maior escala – reorganizando socialmente o trabalho manufatureiro. Este processo proporcionou mudanças extremas na sociedade: novas condições de vida desde à saída do campo a fixação na cidade, crescimento urbano exorbitante e a criação dos bairros industriais; ascensão da classe média, a qual passou a desfrutar de maiores salários, podendo apreciar atividades de entretenimento, obter obras de arte, realizar viagens com maior facilidade; grandes transformações tecnológicas; além da modernização como um fato social.
Para compreender o conceito "modernização" e como este fato implicara transformações na coletividade, alguns autores contemporâneos das ciências sociais o identificam como uma concepção ocidental e eurocêntrica. Segundo o cientista social Renato Cancian:

> [...] a modernização serviu para identificar e designar transformações ocorridas nos sistemas políticos, econômicos e sociais de países europeus ocidentais, que depois de determinado período de tempo os tornaram diferenciados do período histórico precedente e do restante do mundo. (CANCIAN; 2007, p.03)

A modernização econômica e tecnológica ocasionou mudanças consideráveis no final do século XIX e começo do XX; a economia de subsistência, predominante até então, dispõe-se de novas atividades econômicas ligadas a produção manufatureira serial (chegando até a produção em massa posteriormente), decorrente de uma sociedade norteada pela economia monetária. Portanto, a industrialização tornou-se a saída para solucionar a exigência gradual por bens aquisitivos.

O progresso social moderno caracterizou-se por uma expansão populacional urbana significativa. A decorrência crescente por segurança e salubridade, o desenvolvimento e aperfeiçoamento dos sistemas de transportes e comunicações, são aspectos que se tornaram facilitadores para estadia, locomoção e interação de forma ágil e eficiente na cidade. A alfabetização crescente foi um ponto importante relacionado ao progresso econômico-social, a eclosão e melhoria das instituições de ensino passou a atender progressivamente um maior número de indivíduos, instaurando perspectivas de mobilidade social e ascensão econômica.

1.2. A MODERNIDADE COMO UMA CONJUNÇÃO SOCIOCULTURAL DIANTE DA PERSPECTIVA DE CIDADE MODERNA E URBANIZADA.

A modernidade é descrita como uma circunstância cultural da sociedade, de maneira que a necessidade de inovação se torna um fator primordial para a constituição do corpo social, assim, o novo modo de vida revelou-se com base na modernização iniciada no século XIX. Esta nova concepção de sociedade atenta para aspectos de vida individualistas, uma sociedade marcada pelos desejos de consumo e pelo dinheiro, residindo em grandes metrópoles; instituída por uma cultura fortemente urbanizada.

Georg Simmel descreve a mobilidade, a estabilidade das relações e o modo acelerado do ritmo de vida como questões singulares do processo de modernização. O sociólogo enfatiza o dinheiro como permissor das relações sociais, por ser um bem de troca absoluto, mas, por outro lado, descaracteriza as especificidades de cada ordem social, padronizando a subjetividade do indivíduo:

> As correntes da cultura moderna deságuam em duas direções aparentemente opostas: por um lado, na nivelação e compensação, no estabelecimento de círculos sociais cada vez mais abrangentes por meio de ligações com o mais remoto sob condições iguais; por outro, no destaque do mais individual, na independência da pessoa, na autonomia da formação dela. E ambas as direções são transportadas pela economia do dinheiro que possibilita, por um lado, um interesse comum, um meio de relacionamento e de comunicação totalmente universal e efetivo no mesmo nível e em todos os lugares à personalidade, por outro lado, uma reserva maximizada, permitindo a individualização e a liberdade. (SIMMEL, 1998a, p.28-29 apud MOCELLIM, 2007, p.103)

A industrialização da cidade do século XIX juntamente com o aglomerado populacional demandou novas reflexões para a "concepção" de cidade moderna. A partir do êxodo rural derivado da busca por

emprego e de melhores condições de vida; a cidade tornou-se incapaz de comportar a demanda coletiva, com isso, os primeiros bairros operários emergiram – posteriormente ocasionando sérios problemas de infraestrutura e salubridade, tornando-se assim, uma problemática social.

Durante os séculos XIX e XX, posicionamentos variados manifestaram-se para estabelecer diversos projetos de intervenção na cidade, com o objetivo de solucionar o problema de moradia.

> A intervenção do tipo cidade moderna sobre cidade tradicional apresenta 3 nuanças: as propostas conciliadoras, como as de Le Corbusier para Buenos Aires, Montevidéu, São Paulo e Rio de Janeiro, onde edifícios-autopista são pousados sobre a cidade sem alteração do tecido ou da paisagem natural; as propostas implantadas sob uma nova legislação urbanística aplicada sobre tecido tradicional e obrigadas de alguma forma a dialogar com este; e ainda, as conhecidas proposições mais agressivas como o Plan Voisin[2] para Paris, também do mestre moderno, que em uma atitude de tábula rasa propõe a destruição do centro medieval de Paris e a construção de um centro comercial e de negócios com torres isoladas. (GONSALES, 2005)

Contudo, na prática, esses projetos utópicos se mostraram ineficientes de solucionar a problemática da infraestrutura. A estrutura física moderna mostrou-se capacitada para estabelecer propostas à criação de fragmentos da cidade voltados a responder a exigência por habitação desinente do crescimento urbano. Segundo a arquiteta Célia Helena Castro Gonsales *"Os novos bairros e conjuntos habitacionais, tendo as Siedlungs[3] como organizações pioneiras, se constituirão como principal posta em cena urbana moderna. "*

Essas propostas ressaltadas no texto compõem um variado conjunto de interferências urbanas na modernidade, mas, em um primeiro momento, denota-se escassa novidade na utilização de técnicas e materiais em relação às tradições passadas.

Com os projetos arquitetônicos realistas (enfoque especial para com a tendência racionalista) percebemos uma mudança gradativa nas técnicas e materiais construtivos, um novo sentido à construção, algo que se desdobraria ainda mais com a arquitetura modernista do século XX e com a (atualmente nomeada) arte moderna.

1.3. O MOVIMENTO CULTURAL MODERNISTA: AS PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES.

O desdobramento artístico que resultaria no movimento modernista deu-se após as revoluções de 1848 na Europa. Uma sucessão de revoltas de caráter nacionalista ocorreram em diversas cidades europeias em busca de democracia. Intitulada "Primavera dos Povos", esses levantes levaram a sérias transformações econômicas, políticas e sociais, além de suceder intensas produções intelectuais. As novas gerações de artistas visaram uma arte que simbolizasse o cotidiano "moderno", fator esse orientado por novos ideais e concepções herdados das revoltas populares.

Os conceitos da Arte Moderna

Em oposição às tradições clássicas, que perduravam por mais de quinhentos anos, a arte moderna surge na segunda metade do século XIX, em várias manifestações artísticas: artes plásticas, arquitetura, música, literatura, design, adquirindo maior força no século XX. O movimento artístico e as vanguardas despontaram em grandes centros urbanos europeus – Paris, Berlim – buscavam a ruptura com a instituição e a sociedade burguesa.

A partir deste momento, a pintura adquire novos significados; as obras retratam o cotidiano da sociedade, não mais os personagens históricos e/ou mitológicos, mas sim a vida contemporânea e/ou seus problemas sociais. O artista objetivava-se em representar o mundo através de sua percepção de realidade dentro da mais íntegra abstração.

---

[2] Proposta apresentada por Le Corbusier para Paris (1925), o principal objetivo era uma cidade que legitimasse as aspirações do homem e refletisse a "essência da época".

[3] "Siedlung é o termo alemão para designar conjunto habitacional que pode incorporar em sua implantação, além da própria habitação, os mais variados equipamentos coletivos, como escola, creches, comércio e espaços de lazer." (FOLZ, 2005, p 100)

O modernismo nas artes plásticas começou a nascer a partir do Impressionismo, movimento que se formou na França nos anos 1860 e 1870. A primeira apresentação ao público deu-se em 1874, no estúdio do fotógrafo Nadar, com uma exposição de "artistas independentes". A ideia era representar a "impressão" que o artista tinha da realidade. Jogos de luz e cores, novas técnicas e materiais foram incorporados para a criação das obras; pintar ao ar livre começou a ser exercido pelos artistas. O Impressionismo é o primeiro movimento artístico moderno, mas ainda não é considerado movimento de vanguarda.

As vanguardas artísticas europeias apresentaram ao mundo um novo fazer artístico, a liberdade de criação, o rompimento com a tradição, inserção de colagens e formas geométricas, são características perceptíveis em suas obras. Com o surgimento nas primeiras décadas do século XX, não se deram somente no campo das artes plásticas, mas também, em vários outros grupos artísticos – como na literatura. As principais vanguardas artísticas foram nomeadas de acordo com a ideia referenciada nas obras, temos o Expressionismo, Cubismo, Dadaísmo, Futurismo e o Surrealismo. Todas essas vertentes despunham do mesmo ideal, desconstruir o tradicionalismo através de práticas artísticas inovadoras, transformar o consenso e compreender tendências futuristas.

No que se refere às esculturas, Rodin criava peças que expressavam sua percepção e sentimento diante da sua contemporaneidade, fugia dos padrões inflexíveis do neoclassicismo ao distorcer a anatomia de algumas figuras esculpidas. As tendências da escultura moderna acompanharam os propósitos vanguardistas. Não podemos dizer que, as peças possuíam um padrão singular na utilização dos materiais, muito pelo contrário, utensílios domésticos descartados, papel e recortes diversos, plástico, entre outros materiais, passaram a ser incorporados à nova técnica de criação das esculturas.

> Não há uma característica única que defina a escultura modernista: na verdade, ela é um ponto de inflexão na busca dos escultores por descobrir o que era a sua arte, começando pelo reexame das noções de representação, espaço, forma, volume e massa, seguindo-se a escolha dos materiais, até chegar aos métodos construtivos. (FARTHING, 2011, p. 444)

No Brasil, os anseios de exteriorizar a realidade cívica, o sofrimento do povo, as habitações precárias, sem o romancismo presente nas obras artísticas até então, despertaram interesses em alguns artistas no início do século XX. Em 1902, Euclides da Cunha retrata a "Revolução dos Canudos" (1896 a 1897), através da obra literária "Os Sertões". Em 1910, Monteiro Lobato expõe a brasilidade de "Jeca Tatu" e do "Sítio do Pica-Pau Amarelo". Em 1917, no domínio das artes plásticas, Anita Malfatti apresentou sua primeira exposição, baseada em vertentes expressionistas – esta exposição obteve extrema importância para o modernismo brasileiro, de maneira que alguns historiadores a consideram o marco inicial do movimento, sendo concluído com a Semana de Arte Moderna de 1922. Essas obras podem ser compreendidas como precursoras do movimento modernista brasileiro.

O movimento modernista brasileiro transcorreu em três fases: a primeira entre 1922 a 1930, a segunda entre 1930 a 1945 e a terceira após 1945.

A Semana de Arte moderna sucedeu nos dias 13 a 18 de fevereiro de 1922, em São Paulo. Os principais idealizadores do projeto foram Anita Malfatti, Oswald de Andrade, Menotti Del Picha e Mario de Andrade. Assim como as vanguardas europeias, nesta primeira fase, os modernistas defendiam o rompimento com a arte institucional e o tradicionalismo, ironizavam o parnasianismo e propunham críticas sociais em suas obras.

Na segunda fase de 1930 a 1945, os artistas buscavam expressar a linguagem popular, o sentimento humano, o nacionalismo e a reconstrução da cultura brasileira.

> [...] o olhar modernista brasileiro se constrói como uma entidade híbrida, miscigenada, que concilia e mistura elementos diversos, na impossibilidade de tomar partido por um outro vetor. Os limites da modernidade artística brasileira residem sobretudo na questão da brasilidade, que praticamente impunha aos nossos artistas aquilo que a modernidade europeia desde Manet repudiava – o primado do tema, a sujeição da pintura ao assunto. Para reencontrar, abraçar ou até mesmo projetar o brasil, era necessário, indispensável, dar-lhe um rosto, uma feição. (FABRIS, 1994, p.15)

A partir 1945, a liberdade artística se torna um marco do movimento. Os artistas afastam-se dos paradigmas da Semana de Arte Moderna, não se veem "obrigados" a retratar a realidade social brasileira como anteriormente. Di Cavalcanti explicita esta fase, seu estilo artístico foi decorrente de influências do expressionismo e do cubismo. Em algumas obras, Cavalcanti enfatizou a sensualidade da estética feminina, cenários paisagísticos e festejos populares; diferente das pinturas anteriores que eram caracterizadas como "denúncias sociais" – diante da perspectiva realista em que a situação das camadas mais baixas da sociedade eram representadas.

CAPÍTULO 2. O PRELÚDIO DA ARQUITETURA MODERNA.

2.1. A ARQUITETURA E AS NOVAS NECESSIDADES SOCIAIS.

Com a expansão das cidades e seu grande número populacional, os problemas de habitação para as massas operárias cresciam demasiadamente. As soluções desses problemas deveriam se basear de forma a utilizar técnicas objetivas, considerar os fatores econômicos e sociais, sem se preocupar com padrões ideais de beleza.

Segundo o historiador da arquitetura Nikolaus Pevsner

> Se por um lado, tomarmos em conta o século XIX e procurarmos fazer uma seleção dos melhores exemplos da arquitetura urbana em todos os países e em todas as datas, encontraremos certo número de igrejas, alguns palácios e casas particulares, evidentemente, mas o que mais aparece são os edifícios para servir de repartições ministeriais, municipais e, mais tarde, escritórios particulares, museus, galerias, bibliotecas, universidades e escolas, teatros, salas de concerto, bancos, bolsas, estações de caminho de ferro, grandes armazéns, hotéis e hospitais, quer dizer, edifícios construídos não para o culto nem para o luxo, mas para o benefício e uso diário do povo, representados por vários grupos de cidadãos. (PEVSNER, 1943 apud CAVALCANTI 1970 p. 192)

Consequentemente, os novos moldes arquitetônicos caracterizaram-se como transformadores, correspondentes às novas necessidades sociais e a utilização de técnicas e materiais "simples", agilizando o processo de construção; deste modo começara a surgir o racionalismo arquitetônico, por conseguinte, a arquitetura moderna.

A Bauhaus – escola de vanguarda localizada na Alemanha (1919-1933) – desempenhou papel fundamental para a disseminação do Modernismo no design e arquitetura pelo mundo. A produção industrial era grandemente valorizada. Um dos principais fundamentos era unificar doutrinas como pintura, arquitetura, escultura com a tecnologia da época. A Bauhaus buscava a simplicidade e funcionalidade racional do objeto, através de linhas e formas simples.

2.2. AS NOVASTÉCNICAS CONSTRUTIVAS E AS TENDÊNCIAS DA ARQUITETURA MODERNA.

A arquitetura moderna seria um desdobramento da arquitetura realista? Pode-se dizer que sim. A arquitetura realista era composta por duas tendências: a eclética e a racionalista. A segunda delineava-se em acompanhar a demanda social que aumentara cada vez mais com o crescimento urbano, utilizando novos materiais construtivos: ferro, concreto armado e o vidro, que desempenhavam novas formas de expressão – é nessa tendência que os primeiros arquitetos modernos vão se ajustar.

Também, durante esta fase que os primeiros arranha-céus se ergueram. Como o uso do cimento e o aço, os arquitetos de Chicago (EUA) destacaram-se pela revolução técnica que desempenharam. Eles incorporaram a estrutura metálica – que já era utilizada na construção de pontes – no lugar das paredes sustentadoras. As paredes passaram a ser constituídas por vigas de cimento, aço e ferro conjugado, para conter todo o peso da estrutura. O arranha-céu desempenhou um papel extremamente funcional, ajustando-se à capacidade de renda da população e satisfazendo a demanda por escritórios e repartições nos chamados centros comerciais – os downtowns.

Segundo o historiador da arte Carlos Cavalcanti (1970 p.279-280), a arquitetura moderna pode ser distinguida em dois modelos: o funcionalismo e o organicismo. A arquitetura funcional compreende as imposições mecanicistas originadas pela revolução industrial, já a orgânica vai além, procura atender as

necessidades sensíveis do homem, incorporar a natureza como parte da construção – utilização de pedras, madeira.

Logo, o organicismo pode ser caracterizado pela criação intuitiva do homem, formas irregulares na construção, estrutura que integra a natureza como parte da edificação, busca o individualismo da arquitetura. Já o funcionalismo apresenta aspectos racionais, compreende-se pelas formas regulares e estáticas, desconsidera a natureza, arquitetura que se baseia em regras, sistemas e em ideais de concepção.

2.3. CARACTERÍSTICAS GERAIS DA ARQUITETURA MODERNA.

Cavalcanti (1970 p.280-282) apresenta as considerações de Le Corbusier que conceitua cinco princípios básicos desta arquitetura, outros estudiosos ainda vão além, acrescentam outros aspectos que a caracterizam fielmente.

A ossatura metálica – aço e ferro integrados ao cimento como base da estrutura.

Paredes não sustentantes – as paredes perdem a função de sustentar o edifício e dão lugar às estruturas metálicas; como consequência, as janelas tornam-se mais extensas.

A renúncia à fachada – ao contrário da tradição de se construir do exterior para o interior, modernamente as fachadas são decorrências da planta ou determinadas, por exemplo, pela necessidade de iluminação.

Os pilotis – colunas de concreto armado projetadas nos princípios de sustentação.

O teto plano – a eliminação das formas tradicionais dispõe espaço para terraços com uso de jardins, tentativa de recuperar o contato com a natureza (desprezada pelos racionalistas).

A planta livre – as paredes não são utilizadas como estrutura de sustentação, assim elas podem ser derrubadas ou construídas sem grandes limitações, uma vez que não danificam a construção.

Possivelmente, esses princípios propostos por Le Corbusier foram sendo adaptados a cada região e suas necessidades particulares, com o predomínio de questões regionais inerentes ao meio geográfico em que foram inseridos.

2.4. A ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA.

Assim como nas artes plásticas e literatura, a arquitetura no Brasil procurava consolidar uma identidade cultural nacional, dispunha-se da excitação intelectual que pairava desde a Semana de Arte Moderna, dos manifestos e produções artísticas singulares brasileiros.

> Contagiado pelo clima nacionalista, Lucio Costa associava-se ao pensamento intelectual e político presente, propondo uma arquitetura moderna brasileira sob a unidade da teoria de uma expressão nativa, a qual logo mostrou-se mais ampla e complexa do que ele supunha; estabelecendo gradualmente um constructo teórico que buscava dar sustentação à produção exótica – aos olhos estrangeiros – da escola carioca rumo ao êxito internacional. (HAAS LUCCAS, 2005)

A partir do governo Vargas é que a arquitetura moderna se consolida com maior intensidade. Vários projetos institucionais foram solicitados pelo governo federal, de modo que os arquitetos tiveram vasta oportunidade de expressar suas ideias. Esse novo feito construtivo simbolizava o progresso, a modernidade que se ascendia.

Os primeiros projetos modernistas brasileiros acompanharam os aspectos racionais e funcionais, com pouca ornamentação, pois consideravam a própria construção um ornamento inserido no ambiente.

Adiante, as artes plásticas começaram a ser integradas à construção, o uso dos painéis de azulejos decorados, os espelhos d'água e a escultura criavam uma perfeita sintonia entre construção e ornamento.

Oscar Niemeyer destaca-se por contribuir para a difusão do movimento no Brasil. Após o arquiteto afastar-se do funcionalismo excessivo, as obras foram projetadas com formas e curvas mais livres; a busca pelo belo, não somente uma construção baseada no seu papel funcional, passa ser característica expressiva de sua originalidade.

A partir do estudo específico de Cataguases - MG perceberemos a importância das construções modernistas para a concepção de um país renovado, moderno e, como o progresso econômico foi

evidenciado por projetos arquitetônicos deslumbrantes, de modo a tornar o Brasil reconhecido internacionalmente por suas obras e feitos artísticos.

CAPÍTULO 3. CATAGUASES, MG: PALCO DO MODERNISMO MINEIRO.

3.1. UMA BREVE HISTÓRIA DO MUNICÍPIO.

Cataguases localiza-se na Mesorregião da Zona da Mata mineira à 320km da capital Belo Horizonte e ocupa um território de aproximadamente 431,767km²; predominância do clima quente e úmido; o município é banhado pelo Rio Pomba e pelo ribeirão afluente Meia Pataca – integra, a bacia do rio Paraíba do Sul – vincula-se ao Circuito Turístico Serras e Cachoeiras. Sua população atual é em torno de 74.609 habitantes e a economia é gerada por serviços comerciais e industriais.

A fundação deste município teve notória participação do coronel Guido Tomaz Marlière. Em 1828, ao inspecionar as obras da estrada de Campos, Marlière chegou em uma pequena aldeia chamada Porto dos Diamantes, à margem esquerda do Rio Pomba. Segundo Caldas (2012) Marlière ao receber do Sargento de Ordenanças, Henrique José de Azevedo uma doação de uma vasta planície para criação de uma capela dedicada a Santa Rita de Cássia, traçou os limites da nova povoação, ditando normas para seu desenvolvimento e progresso. Tendo sido estabelecidas as bases da povoação, Malière deu por encerrada sua missão, continuando sua viagem de inspeção à estrada de Minas a Campos dos Goytacazes.

Até 1840, a região permaneceu sem grandes avanços, com a mesma condição jurídica. Em 07 de abril de 1841, a Lei Provincial nº 269 elevou o arraial ao nível de curato de Santa Rita do Meia Pataca e anexado à paróquia de São Januário de Ubá.

A formação da cidade também contou com a participação da família Vieira, de forma que a mesma exerceu forte influência e contribuiu para a estruturação do lugarejo. A família Vieira fundou as fazendas do Glória e do Rochedo – atualmente distritos do Gloria e Sereno – importantes latifúndios responsáveis pelo avanço da economia cafeeira e desenvolvimento do curato.

> Mais uma vez uma Lei provincial eleva Meia Pataca, agora de Curato à Freguesia. Lei n° 534 de 10 de outubro de 1851. A Lei ainda anexou a esta Freguesia os Curatos de São Francisco de Assis do Capivara, hoje Palma e Nossa Senhora da Conceição do Laranjal, hoje Laranjal.
> Muitas anexações e desmembramentos ocorreram até que a Lei 2.180 de 25 de novembro de 1865, que aprovou a criação do Município de Cataguases. Esta foi uma das enumeras propostas do deputado provincial José Vieira de Resende e Silva, filho do Major Vieira. Apesar da aprovação nessa data, a instalação do Município só se deu em 07 de setembro de 1877. Assim, Meia Pataca, Passou a ser denominada de "Cataguases", que já contava com 450 habitantes em sua sede. (MATTOS, 2012)

O capital gerado pela produção de café sucedeu na construção da ferrovia, de modo que intensificou o comercio e o desenvolvimento da cidade e a construção da Estação Ferroviária (inaugurada juntamente com a instalação do município). É neste momento que se dá o surgimento das primeiras construções Neoclássicas de Cataguases – as primeiras edificações diferenciadas do estilo colonial.

Os comerciantes e produtores de maior poder aquisitivo começaram a diversificar seus investimentos e passaram a olhar para o setor industrial como uma fonte ainda maior de desenvolvimento econômico: surgimento da indústria do setor têxtil Companhia de Fiação e Tecelagem de Cataguases e a provedora de energia elétrica Companhia Força e Luz Cataguases Leopoldina.

Em 1911, a Companhia de Fiação e Tecelagem de Cataguases passa a ser comandada pelo imigrante português Manoel Inácio Peixoto que, ao aplicar o capital vinculado à agricultura na indústria, permitiu a Cataguases avançar gradativamente e a conduziu ao crescimento econômico e cultural, posteriormente, transformando-a de um "simples" município produtor de café a uma cidade reconhecida nacionalmente pela grandiosidade de seu patrimônio cultural modernista.

3.2. O MOVIMENTO CULTURAL MODERNISTA EM CATAGUASES - MG: INTRODUÇÃO ÀS PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES.

No contexto histórico da cidade, a economia cafeeira e posteriormente a industrial resultaram efeitos notórios para o desenvolvimento cultural regional. No início do século XX, as relações econômicas

que Cataguases mantinha com a capital do país (Rio de Janeiro) proporcionadas pela ferrovia[4] – construída no final do século XIX – juntamente com a formação de uma elite burguesa e intelectual, foram elementos atenuantes para o crescimento de um cenário favorável às artes, particularmente ao movimento modernista que eclodia vigorosamente no país.

Cinema:

Com as relações comerciais estabelecidas com outras regiões condicionando o avanço cultural, Cataguases passou a vivenciar um período de entusiasmo e de novas criações artísticas entre os anos de 1925 e 1929: Humberto Mauro revoluciona a "maneira de se fazer cinema" com a película "Valadião, o Cratera", uma pequena história criada em um ambiente rural com a participação da atriz Eva Nil como protagonista e com a colaboração de seu pai Pedro Comello entre outros nomes.

> ...o personagem-título é o vilão que rapta a mocinha e a esconde em uma pedreira, de onde é salva pelo galã. Mauro é o diretor, Comello faz a fotografia e Eva representa o único papel feminino. O herói é José Augusto Monteiro Barbosa, primo de Mauro, e Valadião é vivido pelo libanês Stephanio Georges Youness, comprador de café e amigo de Comello. (GOMES, 1994)

Pedro Comello era um imigrante italiano que fixou-se em Cataguases e ali montou seu ateliê fotográfico. Neste ateliê, Humberto Mauro adquiriu conhecimentos sobre fotografia e iniciou uma amizade fervorosa com Comello; mais tarde, esta parceria resultaria em uma intensão produção cinematográfica posteriormente intitulada "Ciclo de Cinema de Cataguases" que iniciada em 1920 duraria até 1929 com a partida de Mauro para o rio de Janeiro, onde deu continuidade à sua produção.

Essa forte produção cinematográfica deu a Cataguases o reconhecimento como uma das cidades pioneiras na construção do cinema nacional.

Por este reconhecimento, em abril de 2002, o Centro Cultural Humberto Mauro foi inaugurado no município – espaço criando pela Fundação Ormeo Junqueira Botelho e pela distribuidora de energia elétrica Energisa – possuindo uma galeria que narra os feitos do cineasta e seu pioneirismo para com o cinema nacional. Além disso, o centro cultural apresenta extrema relevância na inserção da comunidade local no campo das artes, de modo que, apresentações de teatro, música, dança, exposições, entre outros eventos são ali realizados com determinada frequência.

Literatura

Saindo do cinema e viajando para campo literário é importante ressaltar as criações do Grupo Verde, essas obras foram fundamentais para disseminar um pensamento novo e "moderno" para os moradores da Cataguases do século XX.

Alguns jovens escritores do município estabeleceram amplas relações intelectuais com escritores já reconhecidos nacionalmente, deste feito deu-se a formação do Grupo Verde e o lançamento de seu Manifesto Literário; adiante a criação da Revista Verde de caráter modernista, que atingiria repercussão nacional com suas publicações.

Francisco Ignácio Peixoto, Camillo Soares, Rosário Fusco, Ascânio Lopes, Cristóphoro Fonte-Bôa, Guilhermino César, Oswaldo Abritta, Henriques de Resende e Martins Mendes compunham o Grupo de escritores. Estes jovens consideravam que através da literatura e da produção de obras inovadoras seria possível romper com a tradição literária, renovar a forma de escrever e buscar por um nacionalismo ao evidenciar aspectos nacionais e regionais, como a gradativa modernização das cidades do interior mineiro, da nova sociedade e o dualismo ruralidade/urbanização.

Para Kátia Romanelli 1981 apud Sant'Ana 2006 p.173, "a verde antecipa o regionalismo que se desenvolveu a partir da década de trinta".

> ... De fato, embora os Verdes tivessem receio de um certo regionalismo praticado até então, ufanista e caricatural, com ênfase no exótico, é possível dizer que, ao colocarem

[4] A população começou a se fixar nas proximidades da estação de ferro, constituindo assim um crescimento urbano gradativo ao proporcionar a imigração de operários e novos comerciantes para o local, exigindo então, novas edificações para atender a demanda crescente de novos residentes.

> em foco o aspecto social da realidade retratada, eles realizaram, sem o desejarem, uma espécie de regionalismo precursor daquele que seria desenvolvido na década de trinta do século XX. (SANT'ANA, 2006 p.173)

Os Verdes ressaltavam a liberdade de expressão como aspecto principal do grupo – liberdade formal que contribuiu para a criação de obras audaciosas para o tempo, demonstraram clareza e objetividade ao aliar as propostas do movimento modernista a seus escritos, e relacionaram esses escritos às próprias experiências vivenciadas pelos membros do grupo.

> Peregrino Júnior, em artigo publicado na Verde (nº 5, jan. 1928, p. 16), afirma que a revista de Cataguases constituía uma quarta corrente no Modernismo brasileiro, apresentando mais alegria, entusiasmo e vivacidade que a revista Festa, e uma grande vantagem sobre esta última: o grupo da Verde estava menos ligado a preconceitos partidários. De fato, podemos dizer que os rapazes de Cataguases recuperaram para o movimento modernista brasileiro o entusiasmo dos primeiros anos, mas com uma consciência maior das contradições do período. (SANT'ANA, 2006 p.175)

Vale ressaltar a participação de escritores renomados da época como Oswald de Andrade, Carlos Drummond, Murilo Mendes entre vários outros para a construção da Revista Verde.

Arquitetura

A arquitetura modernista em Cataguases se desenvolveu quase ao mesmo tempo que a de grandes cidades como Belo Horizonte e Rio de Janeiro; talvez pela liberdade que os arquitetos encontraram ali para desempenhar rupturas com padrões estéticos construtivos e culturais, além de colocar em prática seus ideais.

Em 1994, o IPHAN efetuou o tombamento singular de dezesseis edificações ao reconhecer o valor simbólico que estas obras representam para o país.

Ao decorrer dos próximos tópicos será posto em evidência a importância deste patrimônio arquitetônico para a concepção do modernismo brasileiro, além de ressaltar brevemente demais produções artísticas, as quais procuravam demonstrar aspectos culturais e regionais da época em que o avanço tecnológico, cultural e econômico se ascendia no país.

3.3. OS DESDOBRAMENTOS DA ARQUITETURA MODERNA EM CATAGUASES - MG.

As inovações propostas pela arquitetura representavam as novas necessidades da sociedade brasileira e refletiam a atual organização social que se erguia e a industrialização proporcionava ao mercado tecnologia e diversidade de materiais. Em Cataguases, essa inovação não seria diferente.

> A Arquitetura moderna é a expressão visível da unidade entre a arte, a ciência e a indústria. A novidade do movimento moderno residiu no uso dos novos materiais de técnicas de construção tornadas disponíveis pelo desenvolvimento industrial. Em Cataguases, a arquitetura moderna exprimiu, também, a fé renovada na razão ao conjugar os verbos simplificar e concentrar. Se o modernismo é parte e reflexo do avanço científico e tecnológico, da era do ferro, do aço e das telecomunicações, a arquitetura é a área da produção cultural em que arte e técnica - modernismo e modernidade - são obrigados a se unir. (MIRANDA,1994)

Com a grande efervescência cultural que Cataguases começou a vivenciar a partir da década de 20, não seria incomum se a modernização do município e o crescimento econômico acompanhassem esse momento.

Em 1938, a cidade adquiriu uma nova indústria têxtil intitulada Companhia Industrial Cataguases gerenciada pela família Peixoto, daí em diante o crescimento econômico e, em consequência cultural, se deram com maior força, evidenciado principalmente, na urbanização da região, através das construções.

Até então, as técnicas construtivas utilizadas pelos arquitetos na edificação de moradias e prédios públicos no município, permaneciam estagnadas, voltadas à elementos neoclássicos, ecléticos e funcionais; foi a

partir de 1940 que Cataguases teve suas primeiras experiências com a arquitetura modernista – que se estendeu até o final dos anos 1960.

> Um dos motivos destas manifestações chamarem atenção no cenário nacional é o fato de elas terem se desenvolvido numa cidade do interior de Minas Gerais, longe dos grandes centros urbanos do país, numa época que a cidade contava com aproximadamente 20.000 habitantes e as condições de transporte e comunicação não eram tão fáceis como nos dias atuais. Mas, mesmo nessas condições, essas manifestações se deram quase que simultaneamente às vanguardas dos grandes centros brasileiros, como a Pampulha, em Belo Horizonte. (ALLONSO, 2010)

Vale ressaltar que, nos anos 30 há uma pequena renovação na arquitetura, os elementos construtivos do Art Decó são apresentados à Cataguases ao mesmo tempo em que nas demais cidades grandes; mesmo sendo confrontado com a repentina chegada da arquitetura moderna, a vertente futurista conseguiu espaço e se afirmou durante a década de 40. Com a participação de Francisco Inácio na idealização da Revista Verde, a apropriação dos conceitos dos modernistas da capital na vertente literária e as relações estabelecidas com a mesma, as ideias de uma arquitetura renovada chegaram até Cataguases e, com isso, contribuíram para que em apenas uma década, inúmeras construções fossem realizadas utilizando meios inovadores e até mesmo contrapostos ao Art Déco.

Figura 1 Capela da Escola Nossa Senhora do Carmo. Foto: Acervo do autor.

No início dos anos 40, o primeiro projeto modernista é encomendo a Oscar Niemeyer: a residência de Francisco Inácio Peixoto.

A construção apresenta elementos de arquitetura orgânica. O projeto direciona as áreas sociais da casa para as margens do Rio Pomba estabelecendo uma perfeita harmonia entre jardim e rio. Além desse elemento, a utilização do concreto armado e dos pilotis; a planta livre, retangular, de forma que dispõe de janelas mais extensas, são elementos que até então eram desconhecidos na cidade. Allonso (2012) ressalta que a obra deixa transparecer aspectos de uma visão arquitetônica regional. Em 1994, a construção foi tombada pelo IPHAN.

Figura 3 Residência de Francisco Inácio Peixoto. Foto: asminasgerais.com

Figura 4 Residência de Francisco Inácio Peixoto. Foto: asminasgerais.com

Posteriormente, Francisco Inácio encomendou outra obra a Oscar Niemeyer: o Colégio Cataguases. O projeto encomendado em 1945 e inaugurado em 1949 apresentava as mesmas concepções arquitetônicas da residência de Peixoto; ambas as construções baseadas no concreto armado e configuradas de forma retangular apoiadas por diversos pilotis; assim como na residência a integração com a natureza se dá pelo projeto paisagístico criado por Burle Marx, os jardins harmonizam perfeitamente a funcionalidade das construções com a leveza do "ambiente natural". Atenta-se para este momento a integração entre artes plásticas e construção: o painel em pastilhas de Paulo Werneck "O Abstrato" foi adquirido para compor parte da fachada do colégio, ele ressalta a liberdade das curvas e formas do edifício de maneira despretensiosa. Outra importante obra (no campo das artes plásticas) foi idealizada através das relações entre Francisco Inácio e Niemeyer, Cataguases privilegiou-se ao conhecer o pintor modernista Candido Portinari, de modo que lhe é encomendado um painel de 18m x 4m tendo como enredo Tiradentes, uma narrativa histórica dividida em quatro partes: conjuração, julgamento, enforcamento e esquartejamento.

> Nele verifica-se o pós-cubismo desenvolvido pelo artista à visão dimensionada do espaço pictural, onde a sobreposição de planos não se desprende de noção de profundidade, só possível pela intuição técnica classicizante e virtuosística. O tema, por seu caráter narrativo-histórico, acaba por enunciar uma necessidade ilustrativa, onde se revelam alegorias à liberdade como correntes partidas, membros expostos, figuras em lamentação, além é claro, do fundo esquematizado das referenciais montanhas de Minas. A grandiloquência temática se ajusta ao formulário imagético da composição. (ÁVILLA, 1994)

Atualmente, o painel encontra-se no Memorial da América Latina em São Paulo, isso sucedeu após a transformação do colégio particular em uma escola do governo de Minas (Escola Estadual Manoel Inácio Peixoto) – pois o governo não se responsabilizou pela manutenção de alto custo do painel e a prefeitura municipal também não conseguiu arcar o custeio, originando assim a venda para o estado de São Paulo na década de 70. Hoje uma réplica fotográfica encontra-se no lugar do original. O edifício foi tombado em 1994.

Figura 5 Colégio Cataguases. Foto: Acervo do autor.

Figura 6 Painel O Abstrato de Paulo Werneck. Foto: cataguasesarte.blogspot.com.br

Figura 7 Tiradentes - Cândido Portinari. Foto: asminagerais.com

Com estes feitos pode-se dizer que, após a construção da residência de Francisco Inácio (que originaria demais construções residenciais naquela década) e o Colégio Cataguases, o município tornou-se um polo "experimental" de construções modernistas. Parte das obras que compõem esse patrimônio arquitetônico foram encomendas de projetos habitacionais e construções de vilas operárias; além de projetos arquitetônicos de natureza coletiva como hotel, hospital, cineteatro, praças, dentre outros.

De acordo com textos reunidos no trabalho "Guia da Arquitetura Modernista de Cataguases (2012)" ...seguem-se então inúmeros outros projetos que a elite e a classe média cataguasense encomenda aos mais renomados arquitetos que atuavam no rio de Janeiro e representavam a vanguarda da arquitetura brasileira daquele momento."

O mecenato presente na cidade contribuiu efetivamente para a afirmação das novas propostas residências. Após a constante influência de Francisco Inácio e sua vontade de renovação urbanística, o número de casas atendendo as concepções modernistas aumentara significativamente. Atualmente, o município conta com dezesseis residências e dois conjuntos habitacionais que utilizaram das técnicas construtivas modernas e foram projetadas por arquitetos que se consolidaram no mercado pela vontade de inovação e liberdade criativa.

O texto faz uma síntese das residências encomendadas pelo mecenato da região, como por exemplo, as residências de José Pacheco de Medeiros, José Peixoto, Nanzita Salgado e o conjunto habitacional Bairro Jardim.

Após o êxito na construção da casa de Peixoto, a elite cataguasense procurou buscar os mesmo elementos para a idealização de suas novas moradias, não por acaso, mas de modo a destacar – através da arquitetura – o poder econômico que possuíam e propor a renovação do cenário urbano da região.

As primeiras edificações foram encomendadas a Aldary Toledo por José Pacheco de Medeiros e José Peixoto em 1946. A proposta de Toledo para Pacheco fora descartada e um novo planejamento foi realizado e executado por Edgar Guimarães do Valle em 1948.

> Essas obras assinalam um momento de afirmação das novas propostas no âmbito da arquitetura residencial cataguasense. Tanto a valorização dos ambientes, dispostos em vários níveis e magnificamente integrados aos jardins e varandas na casa José Pacheco, quanto a bela composição da fachada da casa José Peixoto com a superfície ondulada que recebe o painel de Paulo Werneck, mostram o apuro das soluções arquitetônicas. (MIRANDA, 1994)

Ambas residências são construções horizontais, instaladas na parte alta do terreno para destacar a grandiosidade da estrutura. Segundo Allonso (2012) a moradia de Pacheco destaca-se pela utilização na cobertura de telhas de fibrocimento com finos pilares de sustentação e os brise-soleils verticais da entrada e no guarda-corpo da varanda superior, os amplos planos em vidro das aberturas e dos muros em pedra, a pérgola em concreto armado e o jardim idealizado por Francisco Bolonha dispondo de um caminho de pedras que leva até a entrada principal. A casa de José Peixoto apresenta elementos bem parecidos com a citada anteriormente e destaca-se também, pelas longas janelas em fitas dispostas horizontalmente e, servem também, como sacada no andar superior. Novamente, há a participação de Burle Marx na elaboração do jardim frontal. As duas obras arquitetônicas foram tombadas pelo IPHAN em 1994.

Figura 8 Residência José Inácio Peixoto. Foto: Guia das obras modernistas de Cataguases

Figura 9 Residência José Pacheco de Medeiros. Foto: asminagerais.com

Após as construções das primeiras residências modernistas da cidade, a procura por arquitetos cariocas continuou assídua, devido à grande aprovação que receberam dos moradores. Na década de 50, a elaboração da casa da artista plástica Nanzita se destacaria perante as demais habitações já edificadas na Avenida Astolfo Dutra (principal avenida da cidade). O projeto idealizado por Francisco Bolonha trata-se de um grande jogo de formas, volumes e cores. O interior é composto por um conjunto de rampas, a área de estar envolve-se com o jardim e destaca o painel “Rapto de Helena de Tróia” de Emeric Marcier. A fachada é constituída pela junção de cerâmicas, tijolos de vidro, pedras e o extenso painel “Feira Nordestina” de Anísio Medeiros, uma concepção figurativa da regionalidade brasileira (especificamente do nordeste) criado em formas apropriadas do cubismo e o contraste das cores utilizadas, principalmente a cor azul ao fundo, levam o espectador a observar com maior intensidade as representações humanas e suas ações; duas personagens localizadas à esquerda do cenário são postos de frente e parecem se comunicar com o observador através da expressão de seus olhares, diferente das demais que tem seus perfis traçados e direcionados para a esquerda e outras para a direita como se estivessem indo de encontro; o

painel é chapado e não apresenta profundidade assim como as demais obras das vanguardas europeias que se consolidavam na época.

Figura 10 Casa da artista plástica Nanzita. Foto: Guia das obras modernista de Cataguases

Figura 11 Feira Nordestina - Anísio Medeiros. Foto: Acervo do autor.

Em decorrência, demais projetos residenciais de caráter modernista foram constituídos estabelecendo um certo padrão regional, o uso de azulejos decorativos, horizontalidade construtiva e janelas extensas, além da presença constante de jardins frontais ressaltando a integração com a natureza, como demonstra as figuras a seguir.

As vilas operárias também receberam um tratamento diferenciado em 1960, a Companhia Industrial Cataguases encomendou a Francisco Bolonha dois conjuntos habitacionais com cinco apartamentos cada, divididos em dois pavimentos: no térreo constam o jardim e uma pequena varanda, a sala de estar decorada com tijolos vazados, copa e cozinha; no pavimento superior há três quartos e um banheiro. Esta disposição em dois pavimentos permite a estruturação das acomodações de forma a conferir amplitude de espaço, além de aproveitar a iluminação natural (já que os cômodos são dispostos igualmente de frente para a rua e para os fundos – onde há uma mediana área de serviço que recebe incidência de luz). Este conjunto habitacional foi elaborado para abrigar os funcionários de maiores cargos da Companhia. Segundo relatos encontrados durante as pesquisas para a realização deste trabalho,

Francisco Inácio expõe que uma de suas vontades era estabelecer um mesmo padrão de moradia tanto para seus funcionários quanto para com a elite cataguasense, daí evidencia-se seus espírito humanista e de igualdade expresso inúmeras vezes nas publicações da Revista Verde. O conjunto residencial do Bairro Jardim foi tombado em 1994.

Figura 12 Conjunto Residencial do Bairro Jardim. Foto: Acervo do autor.

As residências não foram as únicas obras modernistas realizadas em Cataguases, outros projetos de natureza coletiva, como o Hotel Cataguases, foram de extrema importância para a consolidação do movimento na região.

A construção do hotel se deu durantes os ano de 1948-1951, o projeto elaborado pela parceria de Aldary Toledo e Gilberto Lemos apresenta novamente bela integração com a natureza, o jardim frontal criado por Carlos Perry possui a formosa escultura decorativa de Jan Zack - "Mulher": a obra apresenta linhas arredondadas e formas estruturadas para conceber volume sem ressaltar detalhamentos do torso; um pequeno lago em curvas onde há destaque para a passarela de pedras dividindo o mesmo entre lado esquerdo/direito e leva até ao saguão principal. Na parte posterior, há um bosque que integra o rio Pomba ao jardim, assim como na residência Peixoto. Miranda (1994) ressalta que as técnicas construtivas seguem os mesmo preceitos adotados por Niemeyer no colégio, em que um volume simples harmoniza-se com os jardins e com a marquise em voo presente na fachada. Alonso (2012) ressalta as características da arquitetura modernista presentes no edifício, ao descrever os componentes da sala de estar sustentada por pilotis com fechamentos em longas portas de correr em vidro; a decoração do bar feita em mosaico criado através de ladrilhos hidráulicos e o emprego dos brise-soleils horizontais nos quartos posteriores com a finalidade de guarda-corpo. O tombamento deste prédio também ocorreu em 1994 assim como nas obras citadas a cima.

Figura 13 Hotel Cataguases. Foto: Guia das obras modernistas de Cataguases

Figura 14 Hotel Cataguases. Foto: hotelcataguases.com.br

Figura 15 Hotel Cataguases. Foto: hotelcataguases.com.br

Outras importantes obras de natureza coletiva foram o atual Cine Teatro Edgard e a Igreja Matriz de Santa Rita de Cássia. Moura (1994) menciona que o Cine Teatro teve sua construção idealizada pelos arquitetos Aldary Toledo e Carlos Leão no local do antigo Teatro Recreio (de tendência maneirista italiana) construído em 1895 a pedido de João Dutra Ferreira e demolido em 1947. Inaugurado em 1952, atualmente o espaço encontra-se fechado. O edifício caracteriza-se pela horizontalidade, por um extenso conjunto de janelas que compõem toda a fachada e longas sacadas. O térreo exibe a grandiosa sala de cinema e os pavimentos superiores são formados por um espaçoso salão de festas estruturado em curvas por concreto armado e uma pequena área social descoberta; a fachada apresenta-se parcialmente inclinada, decorada por mosaicos hidráulicos e estreitos pilares de sustentação. O edifício é uma das maiores representações culturais da cidade e de inserção da comunidade as artes. O Cine Teatro proporcionava exibição de filmes a preços populares, realizava eventos como formaturas e exposições, além de ser palco de diversos eventos culturais em parceria com as escolas do município. Devido a sua importância, o tombamento do prédio foi realizado em 1994.

Figura 16 Edgar Cine Teatro. Foto: Guia das obras modernistas de Cataguases

Já a igreja se diferencia das demais construções religiosas, a concepção de suas formas em curvas associadas ao uso do concreto armado era incomum para o tipo de construção na época. Sua planta é comparada a forma de um avião ao qual foi abatido e só restara uma asa; o projeto concebido por Edgar Guimarães do Valle é contemporâneo ao final da Segunda Guerra Mundial, segundo alguns moradores mais antigos da cidade, este advento teria sido a inspiração do arquiteto para idealizar o projeto.

> Importante elemento para a difusão da arquitetura moderna na cidade, a Igreja Matriz teve, entretanto, construção tumultuada em processo iniciado em 1944 e concluído somente em 1968. É evidente a aproximação do partido arquitetônico adotado ao de São Francisco da Pampulha, mas a transposição da pequena escala da capela franciscana a um programa de maiores dimensões e uma aparente preocupação com a ousadia plástica levaram o arquiteto a um certo rebuscamento na composição dos volumes e na definição das proporções, distanciando-se muito da pureza arquitetural da magnífica obra belorizontina de Niemeyer. (MIRANDA,1994)

O planejamento da nova matriz foi iniciado em 1944 e só teria chegado ao fim com sua inauguração em 1968. Uma dificuldade ocorrida no processo de idealização da igreja foi a resistência popular em aceitar uma nova construção de natureza moderna, já que a anterior construída em 1893 por Agostinho Horta Barbosa apresentava elementos Neogóticos e representava um símbolo regional, ressaltava a formação da cidade e remetia à memória das famílias mais tradicionais. Outro aspecto que dificultou o processo de edificação foi encontrar um meio de simplificar e armar uma grande estrutura em concreto sem sobrecarregar a infraestrutura do prédio, além de problemas técnicos e financeiros.

As características modernas da igreja são evidentes por sua abóboda afunilada, por possuir somente uma torre de 30m semelhante ao formato de um torpedo e o painel decorativo em azulejos de Djanira intitulado “A vida de Santa Rita”.

> A temática hagiográfica representa Santa Rita em composição frontal. A cena composta sem a preocupação perspectivista clássica, destaca-se pelos planos sobrepostos ao modo dos ícones pré-rafaelistas. O "composité" formado pela variação da padronagem dos azulejos e o "dégradé" em tons de azul evocam a religiosidade popular e a tradição colonial portuguesa. (ÁVILA, 1994)

Figura 17 Matriz de Santa Rita de Cássia. Foto: Acervo do autor.

Figura 18 Foto: Guia das obras modernista de Cataguases.

O edifício chegou a ser registrado no IPHAN para ser efetuado o tombamento, mas em decorrência das dificuldades encontradas pela Secretaria de Patrimônio de Cataguases no levantamento dos documentos originais e uma grande resistência da diocese – a qual reteve toda a documentação da igreja – o tombamento não foi concluído e a Secretaria do município desistiu da ação por achar inviável dar continuidade ao processo.

Figura 19 A vida de Santa Rita - Djanira. Foto: bolcidades.nafoto.net

Nos anos seguintes, a encomenda por painéis decorativos e monumentos cresce de forma suntuosa. Algum dos mais importantes para a cidade estão presentes no Educandário Dom Silvério e no Monumento a José Inácio Peixoto.

No interior do Educandário está presente a obra nomeada "Criação do Mundo" de Emeric Marcier, 1956. O painel retrata uma perspectiva emocional inerente ao sentimento religioso; as figuras são verticalizadas – conjuram espiritualidade; as cores claras dão a sensação de leveza à obra, há demasiada utilização da cor azul – talvez para evidenciar em maior grandeza a questão espiritual, principal enredo do quadro. O painel é narrativo e manifesta a história da esquerda para a direita, separando cada passagem; há também um apelo emocional caracterizado pela forma em que as personagens são dispostas; e, ao observar a pintura percebe-se o sentimento de sofrimento exposto nas expressão de um pequeno animal com feição pintado em cor amarela localizado ao centro, a utilização desta cor vai em contraste com a dos demais animais, o objetivo é aproximar a atenção do observador e proporcionar a ele abertura em sua imaginação, meditar questões referentes ao porque daquele pequeno animal estar sofrendo deste o ato da criação. A direita observamos a passagem bíblica de Adão e Eva, ambos cobrem suas partes íntimas – fica evidente a desobediência e consumo do fruto da árvore proibida; a figura de um homem velho de barbas brancas e mão estendida representa Deus advertindo Adão e sua esposa pelo acometimento do pecado original e no canto nota-se a figura da serpente realçada em cores fortes possuindo uma cabeça feminina.

Segundo alguns textos que debatem a iconografia, a serpente com feições femininas denotam o princípio sedutor e manipulador da mulher. Essa parte da obra pode ser considerada uma referência clara a pintura "Adão e Eva" de Michelangelo. Mas ao contrário da estética renascentista, Marcier desenha os corpos das personagens de forma geometrizada, sem muitos detalhes corporais e dispostos de cores claras; o objetivo em si é ressaltar a presença do mal naquele meio (a serpente).Na fachada do Educandário encontra-se outro painel, este foi elaborado por Anísio Medeiros em azulejos, segundo Ávila (1994) o trabalho é composto pelo desenho de pássaros com formas diagonais e simétricas; a representação do fundo azul com amplos espaços livres em branco remetem ao efeito positivo/negativo; uma graciosa apropriação dos conceitos utilizados por Matisse – simplificação e exclusão de detalhes, bidimensionalidade, cores trabalhadas e organizadas de forma estrutural de modo a manifestar equilíbrio e tranquilidade e mesma intensidade cromática, como os realces do tons brancos sobre os azuis no painel – principalmente na fase em que o artista desfrutava das colagens. A edificação foi tombada em 1994.

Figura 20 Painel Os Pássaros – Anísio Medeiros

Figura 21 A Criação do Mundo - Emeric Marcier. Foto: asminagerais.com

Figura 22 Criação do Mundo - Emeric Marcier. Foto: asminagerais.com

Figura 23 Criação do Mundo - Emeric Marcier. Foto: asminagerais.com

Para finalizar esta revisão temos o Monumento a José Inácio Peixoto (1953-58) tombado pelo Iphan em 1994. A presente obra foi uma iniciativa dos funcionários da Companhia Industrial Cataguases em homenagem a José Inácio, irmão de Francisco Inácio Peixoto que juntos administravam a empresa.

Miranda (1994) relata em seu artigo que o monumento retrata a perfeita harmonia entre arquitetura, paisagismo e artes plásticas. O projeto arquitetônico realizado por Francisco Bolonha manipulou formas livres, simples e retangulares com um grande pilar decorativo em uma das laterais. O painel de azulejos criado por Cândido Portinari e executo por Américo Braga decora um dos lados da construção. Ávila (1994) ressalta que "...nesse painel, Portinari, a partir de uma organização espacial clássica, elabora figuras geometrizadas ainda decorrentes da influência cubista, mostrando o trabalho de mulheres fiandeiras". Para valorizar a obra, em seu fronte foi criado um largo espelho d'agua que fletia as cores dos azulejos e proporcionava um jogo belíssimo de luz e cores. Além do painel, o monumento conta com a escultura de Bruno Giorgi "A família". A escultura tenciona a abstração por dispor de formatos formosos em volumes recortados. A obra representa um símbolo do ícone que a família Peixoto tornou-se para a cidade.

Figura 24 Monumento a José Inácio Peixoto. Foto: asminagerais.com

Figura 35 A Família – Bruno Giorgi. Foto: asminagerais.com

Assim, dizemos que Cataguases modernizou-se junto com as demais cidades da região sudeste e as obras referenciais citadas demonstram a vontade de inovação dos líderes populares locais e como os mesmos conseguiram disseminar seus ideais e propósitos, além de se tornarem símbolos do progresso econômico-cultural cataguasense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A história de Cataguases - MG apresenta significativa importância para a memória brasileira mas que, aos poucos vem se apagando por dispor de poucos estudos e referenciais acadêmicos atuais.

A realização deste trabalho permite retomar o tema em questão, colocá-lo em evidencia perante à comunidade local, idealizar projetos que visem revalorizar o patrimônio modernista; além de apresentar possíveis estudos futuros para melhor compreensão da transição para a modernidade ocorrida na cidade.

Cataguases conseguiu em pouco tempo recriar toda sua história, desenvolver economicamente e culturalmente de maneira ágil no século XX em meio a crises e guerras; sua história deveria ser retratada com orgulho e estima (bem diferente do que vem sendo reproduzido atualmente com o esquecimento de sua trajetória).

Ressaltar a memória de Cataguases é propor reflexões referentes ao valor que atribuímos a nossa identidade como cidadão; como a trajetória de nossas cidades decorreu, principalmente da formação e do desenvolvimento; além de exaltar a participação de pequenas regiões na composição da brasilidade e no crescimento urbano.

Cataguases mesmo sendo uma cidade em constante renovação contribuiu para que no século XX o país expandisse ideais que revolucionaram as formas de pensar e do fazer artístico, descontruindo padrões estéticos tradicionais, valorizando a cultura regional e ampliando o campo artístico nacional ao tornar o Brasil uma referência modernista – evidente por um patrimônio arquitetônico de exímia qualidade e beleza.

A partir desta análise percebe-se que após a década de 60 houve um rompimento com as ideologias construtivas do modernismo, mas, não há pesquisas que enfatizem este rompimento ou se quiser o citem, pode-se supor então, que proceda das novas tendências que a arquitetura contemporânea dispôs. O crescimento rápido da malha urbana de Cataguases facilitou com que novas técnicas construtivas fossem requisitadas e, com isso, podemos ver atualmente as construções modernistas esquecidas (de certo modo) em meio a uma cidade em que poucos têm a real consciência da grandiosidade do patrimônio ali presente.

Assim, de acordo com as observações realizadas, duas linhas de pesquisa podem ser investigadas na cidade: A primeira se dá diante da relação patrimônio e memória. Uma ampla análise que destaque a importância da arquitetura modernista para a concepção de cidade moderna e como isto de fato ocorreu na região.

A segunda linha seria referente ao contato forçado da cidade com o modernismo. Como dito no capítulo anterior, os textos referenciados apresentaram questões que denotam a tentativa de "submeter" a população cataguasense diante às propostas do modernismo; uma vez que Francisco Inácio e outros nomes da elite obtiveram vastas concessões junto ao poder público municipal para realizar transformações consideráveis no município.

Por fim, o texto permite compreender a importância que a arte moderna exerceu na construção do pensamento crítico cataguasense, no seu processo de evolução e como marco de ruptura com ideologias habituais, renovando assim toda uma sociedade que alcançaria o auge de sua produção intelectual por um vasto período do século XX.

REFERÊNCIAS

Alonso, P. H. (março de 2010). A construção de um patrimônio cultural: o tombamento federal de Cataguases, Minas Gerais. 11. Belo Horizonte.

Alonso, P. H. (2012). *Guia da Arquitetura Modernista de Cataguases* (2ª ed.). Cataguases: Instituto Cidade de Cataguases.

Ávila, C. (1994). Cataguases: a importação plástica como vontade modernista. Acesso em 18 de abril de 2017, disponível em http://www.asminasgerais.com.br/Zona%20da%20Mata/UniVIerCidades/modernismo/Artes_Plasticas/index.htm

Caldas, A. C. (2012). Sob a sombra do Rochedo. *Anais do XV Encontro Regional de História da ANPUH-RIO*, 3-4.

Cancian, R. (22 de 08 de 2007). Modernização: Transformação política e econômica. Brasil. Acesso em 10 de março de 2017, disponível em https://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/modernizacao-1-transformacao-politica-e-economica.htm

Cavalcanti, C. (1970). *História das Artes* (02 ed., Vol. 02). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Fabris, A. (1994). Modernidade e Vanguarda: o caso brasileiro. Em A. F. (org.), *Modernidade e Modernismo no Brasil* (p. 15). Campinas: Mercado de Letras.

Farthing, S. (2011). *Tudo sobre arte.* Rio de Janeiro: Sextante.

Folz, R. R. (dezembro de 2005). Industrialização da habitação mínima: discussão das primeiras experiências de arquitetos modernos 1920-1930. *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, 12*, pp. 95-112.

Gomes, P. A. (1994). Modernidade e modernismo no ciclo de Cataguases. *Cataguases: um olhar sobre a modernidade.* (A. Paiva, Compilador) Belo Horizonte. Fonte: http://www.asminasgerais.com.br/Zona%20da%20Mata/UniVIerCidades/modernismo/Cinema/index.htm

Gonsales, C. H. (abril de 2005). Cidade moderna sobre cidade tradicional: movimento e expansão – parte 2. *Vitruvius*. Fonte: http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.059/473

Luccas, L. H. (setembro de 2005). Arquitetura moderna e brasileira:. O constructo de Lucio Costa como sustentação. *Vitruvius*. Fonte: http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.063/437

Mattos, R. Q. (2012). Acesso em 06 de abril de 2017, disponível em Associação das cidades históricas de Minas Gerais: http://www.cidadeshistoricasdeminas.com.br/cidade/cataguases/historia/

Mocellim, A. (agosto/dezembro de 2007). Simmel e Bauman: modernidade e individualização. *Em Tese - Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, 4*(1), pp. 101-118.

Moura, A. d. (200?). Uma tradição de modernidade. *Cataguases: um olhar sobre a modernidade.* (A. d. Moura, Compilador) Belo Horizonte. Acesso em 22 de março de 2017, disponível em http://www.asminasgerais.com.br/Zona%20da%20Mata/UniVIerCidades/modernismo/index.htm

Sant'Ana, R. M. (dezembro de 2006). O Movimento Modernista Verde, de Cataguases - MG. *Em Tese - Portal de Periódicos da Faculdade de Letras - UFMG, 10*, pp. 172-177.